

PROVAS ESCRITAS

Melhores provas elaboradas por candidatos do
Programa de Pós-Graduação em Geografia da
FCT-UNESP, Campus de Presidente
Prudente, em setembro de 2003

Como explicitado anteriormente, o processo seletivo em 2003 encetou uma forma diferenciada de elaboração das provas, utilizando gravuras inspiradas em obras clássicas, incentivando a criatividade e o desenvolvimento da avaliação de Conhecimentos em Geografia e permitindo uma associação com a linha de pesquisa a qual o candidato almejava. Sendo assim, seguem as gravuras utilizadas nas respectivas provas:



Figura 1 Criança geopolítica assistindo o nascimento do novo homem, de Salvador Dalí – 1943. (Prova do mestrado)

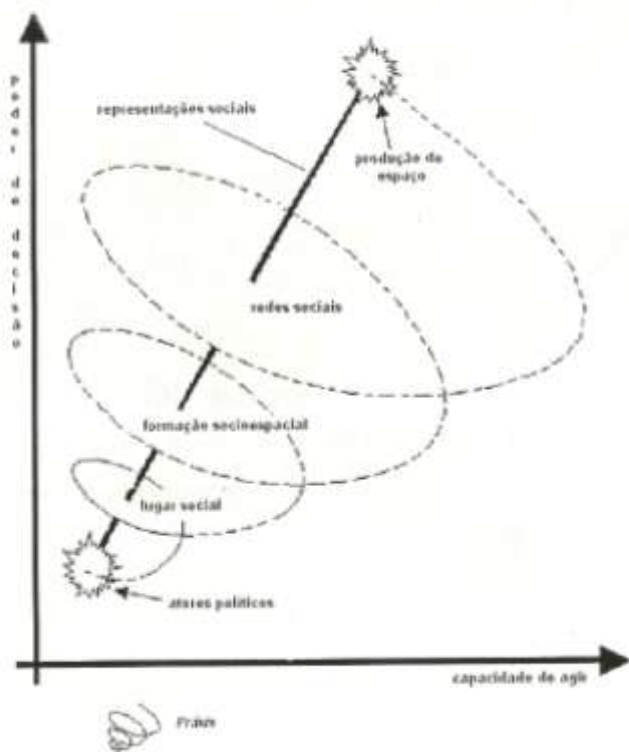


Figura 4 – Gravura utilizada na prova de doutorado.

A INDUSTRIALIZAÇÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: IMPLICAÇÕES NA NATUREZA, NO MEIO RURAL E NA SOCIEDADE*

Adilson Aparecido BORDO

Linha de pesquisa: Desenvolvimento Regional

Nível: Mestrado

Com o aparecimento e o desenvolvimento da indústria, por volta de 1750, na Inglaterra, mudanças contínuas passaram a ocorrer na sociedade e na natureza. Numa periodização histórica, o mundo estava na transição da Idade Moderna para a Idade Contemporânea e a Revolução Industrial, juntamente com a Revolução Francesa, foram os principais marcos históricos das efervescências econômico-sociais em voga, na passagem do capitalismo comercial para o capitalismo industrial.

A Inglaterra era o país que possuía as principais condições para o aparecimento e o desenvolvimento da indústria. Tinha uma burguesia enriquecida pelo acúmulo de capitais oriundos do forte comércio internacional que o país realizava, principalmente, com as suas colônias formais e informais; possuía a maior frota mercante do mundo, sendo conhecida como a "rainha dos mares"; abundância de recursos energéticos, como o carvão, para movimentar as máquinas e imensa quantidade de matérias-primas oriundas das colônias; grande quantidade de mão-de-obra vivendo nas cidades à procura de trabalho, pessoas expulsas do campo em razão da mecanização agrícola, dentre outros fatores.

Com o tempo, a Revolução Industrial passou a ocorrer em outros países como a França, a Alemanha, a Itália, a Bélgica, os Estados Unidos e o Japão, aumentando a competitividade e a rivalidade entre as nações em busca de novos mercados

* Texto elaborado na prova de Conhecimentos em Geografia do processo de seleção da Pós-Graduação em Geografia (Mestrado) da FCT-Unesp, em setembro de 2003.

consumidores de produtos industrializados e fornecedores de matérias-primas. É a chamada Segunda Revolução Industrial, que ocorreu por volta de 1850. Paulatinamente, passa a haver uma mudança na vanguarda industrial, com os Estados Unidos da América superando a Grã-Bretanha como principal potência econômica, consolidando sua hegemonia no final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

A Segunda Revolução Industrial é caracterizada pelo Fordismo, com a produção industrial em série na linha de montagem, a produção em massa e o controle das ações dos empregados de forma rigorosa e direta, inclusive com a cronometragem do tempo de trabalho. Há uma grande exploração da mão-de-obra empregada na indústria, a precarização do trabalho e das condições de vida dos trabalhadores, em contraste com o enriquecimento cada vez maior dos detentores dos meios de produção na reprodução ampliada do capital, conforme ensinamentos de François Chesnais na sua obra *A mundialização do capital* e Manuel Castells, na obra *A sociedade em rede*.

Atualmente, o mundo está vivenciando a Terceira Revolução Industrial, caracterizada pelo modelo gerencial e empresarial conhecido por Pós-fordismo ou Toyotismo, numa menção à fábrica japonesa Toyota. No Toyotismo, ocorre a flexibilização da produção com o uso dos computadores que comandam as máquinas podendo alterar os modelos produtivos, adaptando os produtos às exigências do mercado. Há uma minimização dos custos de produção e um controle dos estoques, evitando-se produtos "encalhados" nas fábricas. Diferentemente do Fordismo, onde o trabalhador era especialista numa função determinada, o Toyotismo caracteriza-se pela polivalência do trabalhador, adaptando-o a várias funções dentro da empresa. Também há uma diminuição na segurança do emprego e nos encargos e direitos trabalhistas, além de uma maior exploração do trabalho.

A partir da década de 1970, principalmente, vive-se um período marcado pela utilização de novas tecnologias como o computador, a fibra óptica, materiais sintéticos, a energia nuclear e a

grande circulação de mercadorias, bens, serviços e informações pelo globo, com o desenvolvimento dos transportes e da *internet*, além de um acentuado desenvolvimento das finanças. É o chamado meio técnico-científico-informacional, teorizado pelo professor Milton Santos em várias de suas obras, dentre elas *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*, de 2000, em conjunto com Maria Laura da Silveira.

Na figura 02, nota-se um esquema da logística industrial, marcando-se a interdependência e a complementaridade dos diversos ramos industriais com os meios de transporte. Segundo pesquisa do professor Eliseu Savério Sposito intitulada *A logística industrial, os fluxos e os eixos de desenvolvimento*, a logística industrial pode ser considerada, de forma sintética, como um conjunto de fatores que propiciam condições mais favoráveis para a dinâmica industrial em um dado território. E esses fatores são múltiplos: existência e proximidade de modernas vias de circulação e de transporte para o encurtamento das distâncias, como as auto-estradas, vias férreas eletrificadas, infovias (cabos de fibra óptica, telefonia, rede mundial de computadores); existência de núcleos urbanos dinâmicos fornecedores de mão-de-obra qualificada e, ao mesmo tempo, funcionando como um mercado consumidor para os produtos industriais, dentre outros fatores, estudados e analisados pelas empresas na busca constante de uma localização industrial ideal.

Com o crescente desenvolvimento industrial, desde a Primeira Revolução Industrial, inúmeras alterações vão, paulatinamente, ocorrendo no meio rural. Paralelamente à Revolução Industrial, ocorre no campo a "Revolução Verde", caracterizada por uma mecanização da agricultura, com o surgimento de novas máquinas agrícolas e o aumento da produtividade no campo em razão dos fertilizantes industriais e defensivos agrícolas. Este fenômeno contribui para uma maior dependência do campo em relação aos produtos da cidade, principalmente os industriais. Os produtores rurais, principalmente os empresários capitalistas, necessitam dos materiais industriais como ração animal, fertilizantes, implementos e

defensivos agrícolas para o aumento da produção no campo, acirrando-se a competitividade por novos mercados.

A mecanização do campo contribuiu para a expulsão da mão-de-obra que se tornou excedente nas fazendas, um êxodo rural que aumentou significativamente o número de moradores das cidades. Parte desta população foi absorvida pelas indústrias, mas, a maior parte, engrossou o "exército industrial de reserva", contribuindo para o rebaixamento dos salários dos trabalhadores. O desemprego, bem como o subemprego, torna-se cada vez maior, atingindo a população nas mais variadas faixas etárias.

Bernardo Mançano Fernandes, em várias publicações, dentre elas *A formação do MST no Brasil*, mostra a desintegração dos pequenos produtores rurais (classificados pelo autor como camponeses) em razão da reprodução ampliada do capital, e a sua recriação em outras localidades onde o capital se faz presente, pois o capitalismo é, ao mesmo tempo, desigual e contraditório. É a chamada "territorialização do capital" e a "criação das relações não-capitalistas de produção", com os camponeses perdendo suas terras, mas podendo se tornar parceiros agrícolas. Assim, para Fernandes, o camponês não é desintegrado como teorizado por Lênin na sua obra *A formação do capitalismo na Rússia*, e por Kautsky (1899), na sua obra *A questão agrária*. Ele é desintegrado em um local, mas passa a ser recriado em outro. Pelo fato da desintegração ser muito mais veloz do que a recriação, Fernandes defende a luta pela terra como a principal forma de recriação do campesinato.

Já Ricardo Abramovay, na sua obra *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*, de 1992, aponta para o grande aumento do número de agricultores familiares, principalmente nos países de capitalismo avançado, como Estados Unidos, Reino Unido e algumas nações da Europa Continental. Estes trabalhadores estão integrados ao mercado e são avançados e modernos, pois fazem uso das novas tecnologias do campo e são auxiliados por políticas públicas, isto é, por iniciativas governamentais.

Na figura 01, nota-se a interdependência do campo com a cidade: os produtos industriais chegam até o meio rural na forma de

ração, auxiliando na criação de frangos, gerando o chamado "ovo industrial", como ocorre nas modernas granjas, com a produção em massa de ovos.

Com a crescente e desenfreada ação humana na natureza, intensificada pelo processo industrial, vários problemas surgem para a sociedade. Os principais são a poluição e as mudanças climáticas.

Nos campos são utilizados, cada vez mais, agrotóxicos que, com as águas das chuvas, chegam até os rios contaminando-os. O ar é poluído pelas indústrias, queimadas das matas e pelo imenso número de veículos automotores que mandam, diariamente, para a atmosfera uma grande quantidade de monóxido de carbono e dióxido de enxofre, contribuindo para a formação de fenômenos como a chuva ácida, a inversão térmica e o efeito estufa. A poluição afeta, também, a camada de ozônio que protege a Terra dos raios nocivos do sol.

Conforme ensinamentos dos professores João Lima Sant'Anna Neto e João Afonso Zavatini, organizadores da obra *Variabilidade e mudanças climáticas: implicações ambientais e socioeconômicas*, de 2000, observa-se um maior aquecimento do planeta, com variações principalmente no clima urbano, surgindo as chamadas ilhas de calor e ilhas de frescor em pontos determinados de algumas cidades pesquisadas.

O crescimento das cidades e do consumo gera um grande aumento da produção de resíduos sólidos, um grave problema ambiental urbano. A água torna-se cada vez mais escassa e imprópria para o consumo humano, em razão da poluição dos aquíferos e da sua intensa utilização, principalmente pela agricultura irrigada, além da contaminação dos rios e lagos e do assoreamento dos leitos fluviais. Alguns estudiosos já consideram a água o bem mais valioso do século XXI e a sua escassez em vários pontos do planeta, principalmente no Oriente Médio, Norte da África e na Ásia Central, já é o embrião de alguns conflitos geopolíticos isolados, podendo atingir, no futuro, proporções alarmantes em escala mundial.

Ante o exposto, nota-se que a agressão humana ao meio ambiente é intensa e contínua. Faz-se mister o incremento da

educação ambiental, principalmente entre a população mais jovem, com o intuito de se atingir uma mudança de comportamento e de atitude mais condizentes com a necessidade da conservação dos recursos naturais do planeta.

Por sua vez, na figura 03 nota-se o "nascimento do novo homem" em um "ovo global", e a criança nitidamente preocupada e assustada com este parto. Este fato pode ser explicado pela velocidade das transformações ocorridas no globo, principalmente a partir da Terceira Revolução Industrial, como já mencionado neste pequeno ensaio. As novas tecnologias são criadas e recriadas de forma espantosa. O mundo torna-se cada vez mais desigual, aumentando-se as distâncias entre os países ricos, que dominam as tecnologias de ponta, e os países pobres, compradores das tecnologias e fornecedores de produtos primários. Esta desigualdade também se acentua no interior das nações, aumentando-se as diferenças econômicas, sociais e culturais entre as pessoas ricas e as pobres. Para os mais abastados, tem-se uma imensa e variada gama de produtos industriais, tecnologias de ponta e uma mesa farta. Já os pobres e maltrapilhos, sem uma educação de qualidade e com deficiências básicas de alimentação e saúde, ficam à margem dessas inovações e cada vez mais excluídos do sistema, pois não conseguem se requalificar profissionalmente, tendo que sobreviver com ocupações precárias (quando existentes) e ficando cada vez mais distantes dos empregos formais. De acordo com Paul Singer na sua obra *Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas*, de 1998, os empregos formais (de carteira assinada) diminuem, enquanto as ocupações vão aumentando, principalmente nos países de balança comercial favorável, resultando em uma precarização das atividades profissionais, situação agravada pelo desemprego tecnológico e estrutural, afetando cada vez mais a população mais pobre e até a classe média que não consegue, muitas vezes, uma adequada requalificação profissional.

Desse modo, pode-se afirmar que o século XXI surge como o período das incertezas, do receio no futuro. As pessoas ficam temerosas, pois os empregos estão rareando e as exigências

profissionais aumentam cada vez mais, contribuindo para tornar a existência humana no novo milênio cada vez mais difícil e nebulosa.

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

DO OVO INDUSTRIAL AO AMBIENTE SURREAL*

Wilson Flavio Feltrim ROSEGHINI**

Linha de Pesquisa: Planejamento Ambiental

Nível: Mestrado

Desde os primórdios da industrialização até os dias atuais temos indagado até onde pode chegar a capacidade do homem em modificar o meio e, conseqüentemente, sua própria existência.

Mitologicamente, em algumas crenças, o ser humano é designado como uma casta de anjos decadentes, que perderam seu lugar ao lado do criador por tentarem gerar e transformar o meio como Ele. Desde então, o homem tem buscado nas máquinas, na indústria e na tecnologia o poder de causar "metamorfoses" em si e no seu habitat.

Segundo Claval (1981) em *La logique des Villes*, a construção de cidades, indústrias, estradas, áreas de esporte e parques podem modificar o clima, os ventos, as chuvas, mesmo em locais onde a poluição não é considerada "*strictu sensu*". Na mesma linha de pensamento, Santos (1991), em *Metamorfose do Espaço Habitado*, sugere que o homem tem criado espaços geográficos artificiais, causando alterações no ambiente e "ultrajando" sua saúde física e mental.

Nesse sentido podemos ressaltar, por exemplo, a destruição da camada de ozônio pela emissão de CFC (clorofluorcarbono) e CO₂ (dióxido de carbono), emissão esta causada em grande parte pelos países do hemisfério norte, mas que afetam concomitantemente a atmosfera dos pólos Ártico e Antártico, não somente os locais poluidores.

Engendrado nesse contexto, Monteiro (1969), em seu trabalho intitulado "A frente polar Atlântica e as chuvas na fachada sul-

* Texto elaborado na prova de Conhecimentos em Geografia do processo de seleção da Pós-Graduação em Geografia (Mestrado) da FCT-Unesp, em setembro de 2003.

** Mestrando em Geografia na FCT-Unesp e bolsista do CNPq.

oriental do Brasil" já temerizava em afirmar que o homem pudesse causar desequilíbrio em suas relações com a natureza. Ainda segundo Monteiro (1971), em "Análise rítmica em climatologia", averiguou-se alterações no ritmo pluvial em São Paulo, concretizando assim uma forte relação entre as modificações ambientais, concentrações urbanas e industrialização.

Em "A rede urbana" (1994), Corrêa ressalta as inter-relações e conexões entre os vários ramos da "teia urbana" que condicionam nas cidades as aglomerações industriais, comerciais e de serviços, polarizando e causando, conseqüentemente, maiores concentrações humanas, maior intensidade dos fixos e fluxos, crescimento acelerado e desordenado, com amplas desigualdades sociais (inclua-se aqui qualidade de vida e ambiental), já que a rede urbana é compreendida de forma diferente pelas diferentes camadas da sociedade, que apresentam muitas vezes não somente a distância espacial, mas também social (segregação do espaço).

Esse crescimento acelerado e desordenado dificulta qualquer possibilidade de planejamento, ou seja, ele passa a ser inversamente proporcional ao desenvolvimento adequado e sustentado da sociedade.

Além disso, essas aglomerações humanas tendem a formar centros onde concentram suas atividades e essas, por sua vez, podem ultrapassar os limites espaciais do centro principal, criando, segundo Spósito (1996) as centralidades, processos por onde ocorrem os fluxos urbanos mais intensos.

Esses fluxos intensos podem causar modificações no espaço urbano, inclusive de caráter climático, como constatado por Lombardo (1985), em seu trabalho sobre "A ilha de calor nas metrópoles", onde se verificou um aumento gradual da temperatura com a proximidade das áreas urbanas, principalmente das áreas centrais, onde se intensificam as atividades humanas.

Isso só tem demonstrado a capacidade que essas atividades possuem de modificar o meio, reforçando assim a parcela de culpa do homem em processos como um possível aquecimento global e a

intensificação de eventos extremos na natureza, principalmente de âmbito climático.

Assim, devemos nos questionar: até que ponto esse "poder", essa capacidade de criar o "ovo industrial" pode afetar nossas relações com a natureza? Por quanto ainda durarão os recursos naturais? Será que o meio técnico-científico-informacional, enfatizado por Santos (1996) em "A natureza do espaço", vem carregado de boas intencionalidades?

Provavelmente, o nascimento do novo homem representado por Salvador Dalí (1943), deveria nascer também com novos pensamentos e ideologias voltadas não somente para o desenvolvimento da tecnologia em benefício humano, mas também para o ambiente.

O homem necessita perceber que, embora venha nascendo do ovo industrial, o mundo fora desse ovo não é surreal, e a sua dependência da natureza, a qual esquece fazer parte, determinará o progresso e ratificação (ou não) de sua existência.

1870
1871
1872
1873
1874

1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

OS EFEITOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO E DA GLOBALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO NO CAMPO*

Eduardo Paulon GIRARDI

Linha de Pesquisa: Estudos Agrários

Nível: Mestrado

Procuraremos aqui abordar a questão da produção, circulação e consumo atrelada ao fenômeno da globalização, relacionando assim temas paralelos e indispensáveis como a indústria, a cidade e o campo.

Inicialmente é necessário abordar a relação homem-natureza, tema este tão caro à ciência geográfica. Santos (1996) diz que tal relação foi sempre a busca do homem em transformar a natureza em um meio cada vez mais artificializado. Nesta mesma obra o autor afirma também que isso se dá pelo uso das técnicas pelo homem a fim de estabelecer esta relação e poder suprir assim as suas necessidades, sejam elas naturais ou induzidas.

Dentre os objetos técnicos que o autor destaca está a cidade, a qual seria o mais vultuoso deles e que mais impacto causa no meio. Quanto à cidade, possível graças ao excedente agrícola, Lefebvre (1999) diz que esta não produz nada, somente centraliza e, dentre os elementos que centraliza estão os produtos do campo e industriais. O autor afirma também que o campo produz através da natureza e a cidade envenena a mesma. Podemos então notar uma relação antagônica, já que o campo produz essencialmente para a cidade.

Sobretudo após a II Guerra Mundial os progressos técnicos nos meios de produção, tanto industriais quanto agrícolas, ocasionaram uma mudança nas relações de produção no campo com a introdução de equipamentos, fertilizantes, pesticidas, novas técnicas, expansão da monocultura, dentre outros, o que talvez tenha levado Santos (1996) a afirmar que hoje a técnica atua muito mais no campo do que na cidade. Cabe aqui levantarmos a questão do uso da

* Texto elaborado na prova de Conhecimentos em Geografia do processo de seleção da Pós-Graduação em Geografia (Mestrado) da FCT-Unesp, em setembro de 2003.

biotecnologia para melhoria na produção de alimentos, o que gera maior produtividade e mais lucro, porém um grande debate existe mundialmente sobre a questão dos transgênicos devido aos ricos que podem oferecer à saúde humana. Essas mudanças geraram alterações também nas relações sociais no campo e na dinâmica populacional, provocando um grande êxodo rural e a implosão das cidades, segundo Lefebvre (1999). Outro fato notável foi o desenvolvimento da agricultura capitalista em detrimento à agricultura camponesa, o que gerou mais problemas ainda no campo brasileiro.

Esses fertilizantes, máquinas e técnicas são frutos da entrada da indústria no campo, pois antes a indústria era um elemento sobretudo ligado à cidade, seja em termos espaciais ou de relação de produção e consumo.

Pois bem, é necessário dizer que não adiantaria em nada esse aumento brutal da produção agrícola para suprir as crescentes demandas se não houvesse sistemas/meios de transporte, armazenamento e comunicação adequados às quantidades (grandes volumes) e qualidades (higiene e produtos perecíveis). Destacamos aqui o transporte com o controle de temperatura e o sistema de contêineres, sistema este que muito contribui com a logística de transportes por ser intermodal. Aqui cabe então remeter novamente ao livro "A Natureza do Espaço", de Milton Santos (1996), no qual o autor afirma que um sistema técnico só pode ser implantado completamente após terem sido implantadas técnicas auxiliares.

Temos então a seguinte situação: um campo cada vez mais tecnificado, utilizando-se das técnicas atuais com relações cada vez mais capitalistas a fim de atender uma grande demanda vinda da cidade, a qual cresce cada vez mais, em extensão e em problemas.

Porém vejamos, com toda essa tecnologia empregada e a possibilidade de produzir elementos em grande escala, com todas as possibilidades que o meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996) oferece, por que existem tantos problemas como a fome, desnutrição, sofrimento por doenças simples e que já têm cura? Isso é o que Santos (2000) chama de globalização perversa, na qual todas as técnicas estão a serviço dos grandes grupos e detentores do capital.

Ainda nesta mesma obra o autor aborda outras duas globalizações: a que se apresenta como uma fábula, acessível e benéfica a todos, mas que na realidade não passa de um discurso; e uma outra globalização possível, a qual olharia pelos menos favorecidos e estaria a serviço de um mundo mais justo.

Vendo esses aspectos, podemos então relacionar as 3 figuras. A primeira representa um meio menos artificializado, com relações de produção familiares, com a presença de indústria no campo só que de forma indireta, fornecendo alguns instrumentos. A produção, circulação e consumo se dão localmente.

Na segunda figura, a que prevalece e se dissemina atualmente, vemos a indústria presente diretamente no campo, fornecendo-lhes elementos e suprimentos e também produzindo os alimentos. Há predomínio das relações capitalistas de produção. As relações de produção, circulação e consumo fogem da escala local, chegando ao mundial. Existe uma interligação em rede que permeia todo o processo, desde a produção até o consumo.

A terceira figura é a expressão da mudança do predomínio da primeira para o predomínio da segunda, na qual um novo homem nasce do novo mundo, baseado em padrões e desejos da sociedade norte-americana. Um novo mundo baseado no consumo e na hipocrisia de uma globalização como fábula (SANTOS, 2000), centrada e direcionada para poucos que tem muito e excludente para muitos que têm pouco ou nada além da sua força de trabalho.

É necessário, porém, fazer uma ressalva: o que está retratado nas duas primeiras figuras coexiste, pois não há uma mudança total e global, o que há é a mudança do predomínio, isso é o que Santos (1996) chama de rugosidade.

Um novo mundo está posto, com novas técnicas e novas relações, um novo espaço, com uma nova concepção e produção do espaço, pois como diz Douglas Santos (2002) "cada sociedade tem um modo de ver e representar o espaço segundo a sua época".

Cabe então ao geógrafo estudar o espaço geográfico como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 1996), a fim de desvendar a nova realidade, abordando

passado e presente e traçando perspectivas futuras tentando, sobretudo, indicar o caminho para um mundo mais justo, onde exista uma outra globalização (SANTOS, 2000).

MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA: UM OLHAR GEOGRÁFICO*

Roseli Alves dos Santos**

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Regional

Nível: Doutorado

A geografia enquanto uma ciência social, que busca a compreensão da organização sócio-espacial, tem adotado ao longo de sua história diferentes categorias de análise para explicar e quiçá intervir em seu objeto de estudo. Para esta seleção nos foi apontada inicialmente uma figura de Salvador Dali que expressa as categorias centrais da geografia: tempo e espaço. Ao lado desta, o esquema de Guimarães apresenta uma dimensão da constituição do espaço geográfico a partir das variáveis econômicas e políticas e também apresenta o que interpretamos como categorias de análises, os "conceitos" de lugar, território, região e espaço global. Todas as categorias projetadas de forma linear e com expressão espiral crescente, possibilitando a partir de um ponto determinado (corpo) até chegar ao espaço global. Para leitura que pretendemos realizar, vamos considerar este ponto como sendo a agricultura brasileira.

Antes discutiremos brevemente as categorias citadas, sem a intenção de esgotar aqui seu significado ou mesmo abarcar as diferentes leituras encerradas nas diversas perspectivas geográficas. Optamos por trabalhar em uma perspectiva histórica dialética, sem necessariamente nos preocuparmos com o seu rigor conceitual diante a situação posta.

A leitura da figura de Salvador Dali, intitulada: "a desintegração da memória", nos remete a pensar que a memória é atributo do ser humano e como tal é passível de representação mental

* Texto elaborado na prova de Conhecimentos em Geografia do processo de seleção da Pós-Graduação em Geografia (Doutorado) da FCT-Unesp, em setembro de 2003.

** Professora do curso de geografia da Universidade do Oeste do Paraná, campus de Francisco Beltrão e membro do GETERR.

que se pode traduzir em uma representação técnica, como na figura que representa o tempo e o espaço. Mas o que é tempo? O que é espaço? Não será neste curto período que conseguiremos destacar as diversas dimensionalidades do espaço: física, matemático, sociológico e geográfico entre outros. A geografia busca compreender a natureza do espaço, como demonstra Santos (1997), para entendê-lo como algo concreto e abstrato: processo e resultado onde os homens constroem suas vidas, seus fluxos e fixos. Uma construção que ao longo do tempo, tem e exprime ritmos diferenciados ao longo da história da humanidade.

Ao longo do tempo e no espaço os homens constroem o seu *lugar*, caracterizado por Milton Santos como resultado da entre horizontalidade (as extensões construídas contínuas ou não) e a verticalidade (a construção de redes que se estabelecem a partir do desenvolvimento técnico). O lugar seria então uma fração do espaço, onde expressões cotidianas se revelam e revelam também a lógica que as direciona, a lógica política e econômica direcionada pelo modo de produção.

Seguindo o esquema de Guimarães, o território aparece também como categoria de análise. O território que consideramos de acordo com Raffestin (1993), é aquele *locus* do Poder e do poder e não apenas como palco, receptáculo com ou sem a presença do homem, como nos aponta Ratzel (1990). Todavia, cabe ressaltar que para além de Raffestin consideramos também a dimensionalidade do território como integrante do e no espaço. Pois não existe um único território, eles são múltiplos e se sobrepõem, o que nos permite destacá-los dentro de um todo. Mas poderíamos questionar: o conceito de território sugere a superação do conceito de região?

Efetivamente não, mas como afirma Rui Moreira (1997) o caráter de singularidade que caracteriza a região deve receber outro olhar. Pois a região apresenta como homogêneo aquilo que é diverso; como único o que é múltiplo. Todavia, ela é ainda considerada como oficial pelo Estado e apresenta um caráter político bastante forte. Mas a região pode também ser o *locus* da resistência, assim como o

lugar. Daí a importância de revermos na geografia o discurso em relação a ela.

Finalmente no final do espiral de Guimarães (2003), temos o espaço global com confluência das diferentes escalas de análise para compreender o espaço geográfico, constituído na sua dimensionalidade política, económica, cultural e social. O espaço global nos remete a pensar em um lugar que é ao mesmo tempo local e planetário e não necessariamente hierarquizado. Com os ritmos alterados pelo avanço técnico-científico, um lugar pode ser ou não global, incluído ou excluído. Assim, mesmo a figura de Salvador Dali destruindo os relógios, o tempo, embora às vezes relativizado não pára.

Depois deste exercício de pensar categorias geográficas no plano teórico, façamos um ensaio em direção à construção de como efetivamente estas categorias se manifestam no plano concreto, aqui considerado como o desenvolvimento da agricultura brasileira. Afinal teoria e práxis não podem ser dicotomizadas e sua separação é meramente didática.

Se considerarmos que o espaço rural é a parte do corpo que irá constituir o espaço geográfico, veremos que a parte e o todo estão interligados. Consideramos desta forma, o todo do espaço geográfico como todas as relações existentes entre os homens e entre estes e a natureza e o processo que engendra tais relações. Neste sentido processual de tempo e espaço que discutiremos a agricultura brasileira.

A agricultura brasileira se apresenta também de forma múltipla, mas o que a padroniza é o fato da renda da terra estar sempre sujeito aos interesses do capital, quer pela concentração fundiária, pela produção agro-exportadora, pelo trabalho familiar ou pela especulação imobiliária.

Assim como discute Martins (1989), a agricultura brasileira sempre esteve sujeita ao poder dos interesses capitalistas dominantes, que muitas vezes era representado pela aristocracia local, que da forma como o Brasil foi inserido na produção mercantil, atende aos interesses do capitalismo nascente na Europa, inclusive com a

recriação do trabalho escravo. Mas esta aliança permanece com o fim do colonialismo e se expressa na distância entre a promulgação da Consolidação da Legislação Trabalhista e o Estatuto do Trabalhador Rural, assim como na manutenção da grande propriedade pela Constituição Federal de 1988.

Não consideramos necessário nos remeter a história da colonização brasileira, tão amplamente discutida por Alberto Passos Guimarães em *Quatro Séculos de Latifúndio* entre outros autores. Portanto, daremos um salto na história e discutiremos a configuração espacial brasileira a partir da modernização.

A década de 1960 representou para o Brasil uma efervescência política que exigiu mudanças no plano social, diante os movimentos reivindicatórios da sociedade e da necessidade de ampliar a capacidade produtiva do país. Desta forma, dois caminhos se impuseram visando o desenvolvimento: a reforma agrária ou a modernização agropecuária com a importação de insumos e tecnologias dos países desenvolvidos. O segundo caminho foi o adotado e resultou na **revolução verde**, que manteve o caráter concentrador/excludente e intensificou a aliança entre capital urbano e rural. Além de provocar mudanças nas relações de trabalho e na pauta de produtos. Criou-se um verdadeiro complexo agroindustrial, como destaca Graziano Silva, com a vinculação da indústria a jusante e a montante da agricultura.

Rompe desta forma a autonomia que o campo tinha em relação à cidade e esta estabelece uma hierarquização entre os espaços que será novamente rompida com o avanço técnico e a constituição de redes.

Mas como resultado deste processo a pequena propriedade policultora ou mesmo a produtora de café com uso intensivo da força de trabalho desaparece ou diminui substancialmente. O produtor rural é expropriado da sua terra de trabalho que, segundo Martins (1991), se transforma em terra de negócio.

Desta forma, a lógica capitalista impõe ao espaço divisões territoriais do trabalho, que constituem em regiões onde não mais o natural, mas outras determinantes estabelecem sua funcionalidade.

Mas a modernização acaba por se concentrar em apenas algumas áreas, mais adaptáveis as novas tecnologias.

Com este movimento desigual e combinado da estrutura política e econômica do Brasil, até a década de 1970 o país estava ocupada e apresentava disparidades locais e regionais evidentes. O que nos possibilita explicar com Geiger, o chamado centro-sul modernizado, urbanizado e com graves problemas sócio-espaciais. As demais regiões com produção e ritmos diferenciados. Mas na mesma região centro-sul a lógica estabelece ritmos e espacialidades diferentes, como a sujeição dos produtores de fumo no oeste catarinense e sudoeste paranaense com os integrados as agroindústrias como Sadia e Perdigão. Neste caso, temos a pequena propriedade com base no trabalho familiar sujeita ao capital industrial. Em contraposição as áreas modernizadas temos cidadãos desempregados, bóias-frias etc.

Como resultado desta exploração, se acirra a luta pela terra. Em trabalho recente Mançano nos mostra a territorialização crescente de acampamentos e assentamentos que parecem ir à contra mão da história. Podemos citar o exemplo do projeto governamental de Vila Rurais no Paraná, onde em 5000 metros quadrados o agricultor deve retirar sua sobrevivência.

Efetivamente a modernização imprimiu um novo ritmo e feição espacial ao rural brasileiro, conforme discute o grupo urbano da Unicamp ou Alentejano no que concerne as relações de pluriatividade.

Seriam estas feições fragmentadas do todo ou expressam o todo? Isso nos permite retornar ao esquema de Guimarães (2003), as diferentes espacialidades se definem por características locais, como os produtores de fumo no sul do Brasil, os acampamentos em terra, as grandes áreas modernizadas do norte do Paraná onde os agricultores se guiam pela Internet as bolsas de valores, todas estas fazem parte de um processo único que expressa em tempos e espaços diferenciados por ritmos mas que se constituem efetivamente em espaço geográfico.

Compreender o espaço geográfico em suas múltiplas determinações é o que ora nos impõem para parafraseando Rui Moreira (1994), fazer uma geografia de homens para homens.

ESCALAS E DESENVOLVIMENTO DESIGUAL*

Luciano Antonio FURINI

Linha de pesquisa: Desenvolvimento Regional

Nível: Doutorado

Um desenvolvimento desigual é o que podemos apreender ao analisarmos as dinâmicas que ocorrem no espaço geográfico. Essa desigualdade abrange tanto os âmbitos temporal e espacial, quanto o social.

Pode-se confundir diferenças com desigualdades, mas é esta última que deve ser combatida.

Na escala global encontramos um desenvolvimento desigual que alguns autores apresentam como países desenvolvidos e subdesenvolvidos ou como primeiro mundo e terceiro mundo. Em grande parte são destacadas descontinuidades econômicas, políticas e religiosas entre outras, no interior de descontinuidades temporais e espaciais.

Na escala regional podemos apreender a organização da produção. Santos (1988, p. 46) sugere que não a consideremos autônoma, contudo, em grande parte, sua organização e configuração possuem aspectos involuntários. Nela temos, então, a desigualdade da produção e a partir de sua análise podemos estabelecer relações com diversas regiões e assim, vislumbrar as características da produção no desenvolvimento desigual.

Na escala do território, podemos compreender como a luta de classes se territorializa enquanto poder. É nesta escala que se pode apreender as vicissitudes dos movimentos sociais.

Já na escala do lugar encontramos, como mostra Carlos (1996, p. 16), o ponto de articulação entre o local e o global. É nela que ocorre a simultaneidade, pois ali se encontram os diversos fluxos

* Texto elaborado na prova de Conhecimentos em Geografia do processo de seleção da Pós-Graduação em Geografia (Doutorado) da FCT-Unesp, em setembro de 2003.

provindos das diversas escalas. É nela também que o humano pode resistir à hegemonia, a despeito de ali também poder se gestar a hegemonia.

Na escala do corpo, encontramos o sujeito, o sujeitoado ou a própria sujeição. O corpo é então o *locus* do espírito, das representações e da vida. É nele que a memória se constrói ou se desintegra. Na obra de Salvador Dalí, podemos encontrar o tempo e o espaço explicitamente e o humano enquanto memória, em constante luta de objetivação e afirmação se desintegrando juntamente com uma memória desespacializada e destemporalizada. Essa desintegração da memória pode acirrar as desigualdades ao erodir as motivações das lutas sociais.

Solucionar os problemas causados por esta desigualdade é algo punjante em diversas áreas, principalmente em países como o Brasil, onde a elaboração de projetos no contexto de políticas públicas é constante, devido às desigualdades existentes, como por exemplo as que ocorrem nos espaços urbanos.

Lojkin (1997, p. 202) mostra que política urbana não é planificação urbana. Caso não se considere as especificidades próprias de cada cultura, respeitando a constituição do lugar e seu cotidiano, se implementa uma massificação e uma não-política. Importar idéias e modelos pode alimentar a cadeia da desigualdade, a despeito do modo de produção capitalista ter uma lógica na qual os modelos são, em grande parte, impostos.

Uma forma de adequação de políticas e projetos é, além de considerar o ideal e o possível, também considerar a importância da correta delimitação do campo de análise e dos processos que geram o fenômeno, enquanto problema a ser resolvido.

A figura de Guimarães (2003, p.19) destaca os saltos escalares, do corpo, passando pelo lugar, território e região até chegar ao espaço global. Nesta figura, encontramos uma dimensão econômica e uma ação política que sugerem considerar o atrito entre a hegemonia do modo de produção (no caso, capitalista) e o enfrentamento e resistência a uma lógica que gera desenvolvimento desigual (no caso, os movimentos sociais institucionalizados na

política). Se por um lado se tem uma geração de desigualdades implantada nas diversas escalas – as quais são ligadas pelo meio técnico-científico-informacional, conforme Santos (2002, p. 238) – por outro lado se tem, na possibilidade de *saltar escalas*, um possível caminho de superação.

De acordo com Smith (2000, p. 137), em sua análise relativa aos *homeless* (população de rua), a escala do controle oficial, a qual *prende* o humano e limita sua atuação como sujeito, pode ser superada ao se implementar ações que culminem na escala do controle autocentrado, na qual ao humano é concedida – por meio da própria lógica que o limitou – a possibilidade de *saltar escalas*. Esse salto pode ser deslocado para grupos e até nações que buscam superar a lógica do desenvolvimento desigual.

Enfim, saltar escalas se torna um caminho possível. Contudo, é um salto científico que deve considerar as transformações dos fluxos ao passarem pelas escalas. Santos (2002, p.152) mostrou a existência da escala de origem e da escala de impacto, destacando que um projeto contido numa política tem impactos diferenciados nos lugares e nas pessoas. Daí, a importância de se considerar as escalas geográficas junto à análise e atuação dos fenômenos sócio-espaciais.

